

E o dengue continua desafiando e causando perplexidade

A sociedade contemporânea tende a acreditar que o conhecimento científico é quase ilimitado, quando se trata de definir medidas de controle para problemas de saúde produzidos por agentes infecciosos. Talvez, seja essa a razão da perplexidade que se vivencia frente a pouca efetividade dos esforços globais na luta contra as atuais epidemias de dengue. Mas, estamos diante de uma doença cujo agente apresenta uma enorme velocidade e força de transmissão. A ocorrência de mais de 6 milhões de casos anuais da Febre do Dengue distribuídos por cerca de 100 países, colocando sob risco de morte mais de meio milhão de indivíduos que evoluem para Febre Hemorrágica do Dengue, faz com que esta doença seja considerada como “maldição urbana” da contemporaneidade.

No Brasil, apesar do avanço do Sistema Único de Saúde no campo da vigilância e prevenção das doenças infecciosas e do empenho de muitos gestores deste sistema para controlar este problema, a situação se agravou ainda mais com a introdução do DENV4, em 2010, pois a população se encontra completamente suscetível às infecções por este sorotipo do vírus do dengue. A possibilidade de, mais uma vez, sermos vítimas de uma nova e grave onda epidêmica de dengue é concreta. Nessa situação, a demanda aos serviços de saúde pode ser tão elevada que fica difícil prestar atendimento oportuno e de qualidade a todos que necessitam, embora seja a única maneira de evitar os óbitos. Experiências anteriores, a exemplo da epidemia ocorrida em 2008, no Rio de Janeiro, apoiam essa previsão.

Não por acaso, diante do primeiro sinal de uma epidemia de dengue as populações sentem-se perplexas, vulneráveis e impotentes. Essa impotência evidencia quanto limitada ainda está a compreensão das dimensões biológicas, sociais e comportamentais da transmissão do vírus do dengue e da sua patogênese.

Obter uma vacina capaz de proteger, simultaneamente, contra os quatro sorotipos e que mantenha o tênue equilíbrio entre a imunogenicidade e a patogenicidade do imunógeno, tem sido um desafio. Já se encontram em avançados estágios de testes clínicos algumas vacinas candidatas, com perspectivas, mas não garantias, de que algumas possam estar licenciadas para uso em massa nos próximos anos. Contudo, mesmo com o advento de uma vacina eficaz, precisarão ser equacionadas questões como o descompasso entre número de doses necessárias para imunizar milhões de pessoas sob risco e a capacidade de produção do fabricante, número e intervalos entre doses necessários para conferir imunidade, custos, dentre outras. Portanto, faz-se mister a condução imediata de estudos epidemiológicos que produzam informações que possam subsidiar a definição de estratégias de vacinação sustentáveis e contribuir para reduzir a força de transmissão do vírus nos centros urbanos do país.

Enquanto isso, o que nos resta são as ações de controle do *Aedes aegypti*, que devem ser adotadas por toda a sociedade. Porém, o desenvolvimento de tecnologias limpas que produzam impacto sobre a população desse vetor necessita de apoio dos órgãos de fomento à pesquisa. Ademais, profissionais e serviços de saúde devem empreender esforços para prestarem assistência oportuna e de qualidade aos indivíduos acometidos por dengue, no último esforço para reduzir ao máximo a ocorrência de óbitos.

Maria Glória Teixeira

Maria da Conceição N. Costa

Maurício L. Barreto

Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

magloria@ufba.br